



**Um marco para o fim de um longo exílio (Resenha de “Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias – uma visão histórica”, de M. S. Luce)**

Hugo F. Corrêa <sup>1</sup>

**Resumo**

Esta resenha do livro “Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias – uma visão histórica”, de Mathias Luce, busca apresentar os contornos gerais da obra e destacar, à luz do contexto histórico em que foi produzida, seus méritos dentro do debate atual sobre a Teoria Marxista da Dependência.

**Palavras chave:** Dependência, Teoria Marxista da Dependência, Mathias Luce.

**Un marco para el fin de un largo exilio (Reseña de "Teoría Marxista de la Dependencia: problemas y categorías - una visión histórica", de M. S. Luce)**

**Resumen**

Esta reseña del libro "Teoría Marxista de la Dependencia: problemas y categorías - una visión histórica", de Mathias Luce, busca presentar los contornos generales de la obra y destacar, a la luz del contexto histórico en que fue producida, sus méritos dentro del debate actual sobre la Teoría Marxista de la Dependencia.

**Palabras-clave:** Dependencia, Teoría Marxista de la Dependencia, Mathias Luce.

**A mark for the end of a long exile (Review of "Marxist Theory of Dependency: problems and categories - a historical view", by M. S. Luce)**

**Summary**

This review of Mathias Luce's book "The Marxist Theory of Dependence: Problems and Categories - A Historical View" seeks to present the general outlines of the work and to highlight, in light of the historical context in which it was produced, its merits in the current debate on the Marxist Theory of Dependence.

**Key words:** Dependence, Marxist Theory of Dependence, Mathias Luce.

O livro *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias – uma visão histórica*, de Mathias Seibel Luce, pode ser lido como um marco de um novo momento dos estudos

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense. E-mail: h.correa@gmail.com

sobre a Teoria Marxista da Dependência (doravante TMD) no Brasil. É bastante conhecida, entre estudiosos do tema, a ideia de que o exílio intelectual dos autores associados a esta perspectiva sobreviveu a seu exílio político. Foi necessário um grande movimento coletivo, do qual Luce participou ativamente, para realizar aquilo que a anistia política jamais fizera pelos fundadores da TMD: trazer de volta para terra de seus primeiros formuladores a reflexão sobre as condições históricas que nos permitem compreender e explicar a particularidade do capitalismo dependente.

Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini eram ainda jovens pesquisadores (e militantes) quando foram forçados pelo regime militar a partir para o exílio, onde desenvolveram a maior parte de seu pensamento. Ao regressarem encontraram um cenário acadêmico cerrado, quando não hostil, para si e para suas ideias – a ponto de *Dialética da dependência*, texto teórico mais importante de Marini, cuja primeira edição mexicana data de 1973, ter conhecido sua primeira edição em português apenas em 2000, aproximadamente três anos depois da morte de seu autor. A história da difusão da TMD no Brasil é longa demais para ser abordada aqui. Ela certamente passa pela publicação das antologias teóricas de Ruy Mauro Marini organizadas por Emir Sader (2000) e João Pedro Stedile & Roberta Traspadini (2005), e pelas produzidas em sua homenagem, organizadas por Carlos Eduardo Martins & Adrián Sotelo-Valencia (2009) e Niemeyer Almeida Filho (2013) – além da produção de dezenas de trabalhos acadêmicos apresentados em congressos e publicados em periódicos nacionais. Atravessa a história de instituições, como a criação do Grupo de Trabalho sobre Teoria Marxista da Dependência, abrigado pela Sociedade Brasileira de Economia Política, ou a conformação do IELA, na UFSC. E chega agora a um momento em que, como bem lembra Luce (2017, p. 17), deixa de ser produto marginal e desconhecido na realidade brasileira, consolidando-se como um dos mais vigorosos campos de estudos sobre nossa contemporaneidade.

Nesse sentido, entendo que o livro de Luce tem um papel a desempenhar no momento atual dos estudos sobre a TMD. Ele marca, a meu ver, a chegada a uma maturidade dos estudos sobre dependência em solo brasileiro. Sem substituir os textos seminais ou as referências fundamentais do debate, a obra de Luce passa a suprir uma lacuna importante para formação e entendimento desse debate<sup>2</sup>. Faz isso sem cair num didatismo e sem se confundir com um mero esforço de vulgarização.

Esse resultado é obtido porque Luce preza pelo rigor categorial, com relação aos escritos dos fundadores da TMD, mas sem se furtar a colocar sua própria interpretação sobre os

<sup>2</sup> Permanece evidentemente imprescindível, portanto, o estudo de textos clássicos como Marini (1977; 1979; 2005; 2013), Santos (2015) e Bambirra (2013) – para citar alguns.

problemas estudados. Sua postura não dogmática aparece ainda na introdução do livro, quando o autor nos adverte que entende que o capitalismo dependente é prenhe de leis de movimento que lhe são específicas (coerentemente com a interpretação própria à TMD), mas também que seria preciso tomar esta determinação como uma *determinação negativa* ou *dialética negativa* (algo que pode ser coerente com, mas não estava posto nos textos “clássicos” da TMD). A categoria é tomada de Mario Dal Pra e, me parece, terá um papel de destaque no entendimento de Luce sobre a dependência, já que cada momento de determinação da particularidade do capitalismo dependente será vista como determinação negativa do movimento dialético na evolução histórica da realidade capitalista.

O livro é estruturado seguindo a linha condutora das categorias fundamentais da TMD: (i) *transferência de valor como intercâmbio desigual*, (ii) *cisão nas fases do ciclo (ou o divórcio entre a estrutura produtiva e as necessidades das massas)*, (iii) *superexploração da força de trabalho* e (iv) *dependência, revolução e transição*<sup>3</sup>. Na apresentação do conjunto categorial, Luce busca colocar cada coisa em seu devido lugar dentro de uma totalidade complexa e dinâmica, sem fugir das controvérsias suscitadas. Assim, o autor está a todo momento dialogando com perspectivas que, dentro ou fora do campo marxista, abordam criticamente as categorias próprias da análise da dependência. Podemos ler, dessa forma, o modo como Luce posiciona-se: frente a outras interpretações sobre a questão das transferências de valor (ver em particular pp. 74-84, “Transferências de valor *tout court* e *transferências de valor como intercâmbio desigual*”); sobre a categoria superexploração (pp.135-154, “nota prévia: o que superexploração *não é*”); ou sobre a categoria dependência (pp. 198-205, “nota prévia: o que dependência *não é*”), para ficar apenas em alguns exemplos.

Em algumas vezes a saída encontrada diante desses debates conduz Luce a respostas inovadoras e instigantes. Um caso interessante, a que vale menção verifica-se quando o autor discute as categorias *transferência de valor como intercâmbio desigual* – termo utilizado para diferenciar as transferências de valor que irremediavelmente decorrem da troca de mercadorias (em geral), daquelas que decorrem da dependência – e *superexploração da força de trabalho*. Luce aborda a questão avançando também sua própria interpretação sobre alguns dos “problemas” mais lembrados da formulação Marini: as razões por que Marini trata das transferências de valor como “burla”, “transgressão” ou “elusão” da lei do valor e por que Marini

<sup>3</sup> Desta sequência, apenas (ii) e (iii) invertem a ordem de exposição como organizada por Marini (2005), em seu estudo clássico sobre a dialética da dependência. Acredita-se que o autor tenha pretendido com isso enfatizar primeiramente um conjunto de problemas históricos relativos a conformação da dialética imperialismo-dependência, antes de lidar com os problemas teóricos que cercam a *superexploração da força de trabalho*, categoria de análise de Marini que mais atenção ganhou no debate.

chama de *superexploração* algo que não é simplesmente uma “exploração maior”. A seu juízo não se trata de equívoco ou de imprecisão categorial, mas de *símiles* usados por Marini. Em suas palavras:

O símile, por conseguinte, cumpre a função de *antecipação intuitiva*. Com sua predicação na frase, ele ajuda a esclarecer elementos do sujeito. Voltando a nosso caso, em sua explicação tanto para a superexploração, quanto para a transferência de valor Marini lançou mão de símiles para descrever seu conteúdo em uma primeira aproximação. [...] Nesse sentido, é mister trazer a colocação de Mézáros, que refletindo sobre o método de exposição na ciência ensina que os símiles, diferentemente das metáforas, que são autorreferenciadas, podem ser aperfeiçoados. Seguindo esse mesmo raciocínio, o símile expresso através dos vocábulos alternativos violar, eludir, burlar, transgredir, desrespeitar a lei do valor pode – e deve – ser precisado. Trata-se de violar, eludir, burlar, transgredir... o valor sob relações negativamente determinadas na lei do valor. [id., p. 153]

A categoria da superexploração, definitivamente, não sugere a anulação da lei do valor. Ela descreve e explica elementos específicos da lei do valor, contribuindo para aprofundar a teoria de Marx, a partir da historicidade, da totalidade e da negatividade da lei do valor. [id., p. 154]

Outro caso interessante, que igualmente refere-se a um debate que muito tem crescido neste campo de estudos, é aquele que tangencia a questão da *renda da terra*. Luce reconhece a controvérsia gerada a partir das críticas de autores como J. I. Carrera e J. Kornblihtt à TMD<sup>4</sup>, para quem a renda da terra geraria uma “transferência de valor inversa”, em direção aos países periféricos. Mas observa:

Esse argumento comete um erro importante que é confundir as implicações da renda da terra nas esferas da produção de riqueza e sua apropriação. Que a América Latina e outras partes do planeta subordinadas às relações imperialistas consistam em áreas com maior fonte de renda diferencial é uma evidência inegável da realidade. Todavia, isto é apenas uma parte da questão. A pergunta ignorada pelos adeptos dessa linha interpretativa, e que procuramos explicar anteriormente, é: quem se apropria da maior parte dessa renda diferencial? [id., pp. 73-4]

Não pretendo aqui avançar mais descrição das pistas deixadas por Luce para responder tais questões, nem debater até que ponto as considero definitivas. Creio que o próprio autor encare os problemas relacionados ao modo de compreender a realidade dependente muito mais como questões abertas do que tenha a pretensão de, com a interpretação que enverga, ter dado resposta definitiva para encerrar as discussões. O que gostaria, isso sim, de salientar é que num momento em que é prática comum na academia (e fora dela!) debater apenas com pares que pensam como si, fingindo ignorar quaisquer evidências que apontem em contrário, Luce enfrenta com astúcia e honestidade intelectual o debate franco, sustentando com coerência suas posições e dando ao leitor elementos para que tire suas próprias conclusões.

<sup>4</sup> Veja-se por exemplo Iñigo Carrera (2017) e Kornblihtt (2012).

Nos parece importante destacar um aspecto adicional do livro. Trata-se do modo como pretende dar inteligibilidade a fenômenos concretos, em suas diversas manifestações históricas, sem perder de vista os elementos mediadores necessários. Assim, o autor consegue percorrer a evolução histórica do capitalismo dependente, observando as formas de manifestação de suas leis específicas sem colidi-las com seu conteúdo. No campo das *transferências de valor como intercâmbio desigual*, por exemplo, a análise ajuda (especialmente os jovens pesquisadores que estão ainda nos primeiros contatos com esse campo de estudos) a compreender as formas pelas quais se manifestam as *transferências de valor* – a saber como pelo comércio internacional, pela dívida (remessa de juros), pelas remessas de lucros, royalties e dividendos e pela apropriação de renda sobre recursos naturais<sup>5</sup> – e, com essa concretização, avaliar sua evolução histórica percebendo como essas formas de manifestação podem ter se alterado sem negar seu conteúdo. O mesmo ocorre com a *superexploração da força de trabalho*: apenas quando se compreende as adequadas mediações entre forma e conteúdo, pode-se discutir em terreno mais sólido o sentido das “evidências empíricas” sobre sua existência. Ou, para dar um último exemplo, como a análise da cisão nas fases do ciclo nos permite enxergar na TMD uma “ferramenta” contundente de análise para compreender a evolução do capitalismo mundial de forma integrada ao empobrecimento relativo da classe trabalhadora (particularmente da latino-americana) ou à própria reprodução das condições degradadas de vida da população.

Por fim, gostaria de apontar um último mérito do livro, que consiste em apresentar de modo claro e sistemático um debate que se já desenvolve há 40 anos, oferecendo um amplo leque de referências bibliográficas. Ao fazê-lo, Luce busca ainda acolher (e refletir sobre) um conjunto de contribuições recentes que permitem enriquecer, ao invés de engessar no tempo, o debate sobre o caráter da dependência. Creio que não desejariam que fosse diferente Theotônio, Vânia ou Ruy Mauro.

## Referências

ALMEIDA FILHO, N. (Org.) *Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini*. Brasília: Ipea, 2013.

BAMBIRRA, V. *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2013.

IÑIGO CARRERA, Juan. *La renta de la tierra*. Formas, fuentes y apropiación. Buenos Aires: Imago Mundi, 2017.

<sup>5</sup> Cf. Luce (2017, pp. 48-73).

KORNBLIHTT, J. Del socialismo al estatismo capitalista. Debate sobre la teoría de la dependencia con Ruy Mauro Marini. *El Aromo*, n. 68, set.-out., 2012. Disponível em: <<http://www.razonyrevolucion.org>>.

LUCE, Mathias S. *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MARINI, R. M. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. **Cuadernos políticos**, n. 12, abr.-jun. 1977. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/>

MARINI, R. M. Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital. **Cuadernos Políticos**, n. 20, abr.-jun. 1979. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/>

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. (Org.) **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2013.

MARTINS, C. E.; SOTELO VALENCIA, A. (Org.) **A América Latina e os desafios da globalização: ensaios em homenagem a Ruy Mauro Marini**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Boitempo, 2009.

SADER, E. (Org.) **Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, T. **Obras reunidas de Theotonio dos Santos**. México DF: UNAM, 2015. Disponível em: <http://ru.iiec.unam.mx/3105/1/ObrasReunidasTheotonioDosSantos.pdf>

TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. (Org.) **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.